

Dossiê: Formalismo russo

Mais de cem anos após seu surgimento, a história do Formalismo Russo ainda continua passível de revisão. Afora o reconhecimento de que o objeto de toda história é um objeto em movimento, ou seja, aberto ao devir histórico, no tocante ao formalismo a tarefa se mostra ainda mais árdua devido à dificuldade de se encontrar uma unidade teórica em sua vasta produção. A primeira constatação que um historiador do movimento certamente faria diz respeito à quase ausência de homogeneidade na produção teórica de seus representantes. Isso em parte se deve ao isolamento geográfico a que estavam submetidos os representantes da escola, que se dividiam em duas associações diferentes: a Sociedade para o Estudo do Linguagem Poética (OPOIAZ), em Petrogrado, que contava, entre seus representantes, com Boris Eikhenbaum, Viktor Chklóvski e Iúri Tyniánov, e os integrantes do Círculo Linguístico de Moscou, composto, entre outros, por Roman Jakobson, Grigóri Vinokur, Piotr Bogatyrióv, Boris Iarkhó. Além disso, os dois grupos apresentavam interesses teóricos diferentes: enquanto os membros da OPOIAZ centravam seus esforços sobretudo no campo da Teoria Literária (Poética), o grupo moscovita mantinha o substancial de suas pesquisas no âmbito da Linguística, particularmente nos aspectos sonoros da língua.

No que se refere à produção teórica, o resultado mais importante obtido pela escola formalista reside no estabelecimento de certos princípios básicos do estudo da literatura como estrutura especial, concebida, a princípio, como distinta de textos não literários. Dentre esses princípios (skaz, gesto fônico, função poética, evolução literária, fato literário, literariedade, etc.), o mais prolífico e que mais tem persistido nas

recentes pesquisas acadêmicas, dentro e fora da Rússia, é a noção de “estranhamento” (ostraniénie), de Chklóvski. Não por acaso, também a que mais se destaca nas contribuições a este Dossiê. Entre os eslavistas, é recorrente a impressão de que a estética formalista tem sido reduzida à teoria do estranhamento, num procedimento que nos lembra a *pars pro toto* da sinédoque.

No que se refere às suas aplicações, particularmente no âmbito da pesquisa acadêmica brasileira, afere-se sua recorrência à década de 1960, quando as pesquisas de Boris Schnaiderman e Aurora Bernardini começam a surgir. 1970 é um ano importante para o Formalismo Russo no Brasil. É o ano em que foi publicada a tradução para o português de *Teoria da Literatura – textos dos formalistas russos*, obra baseada na coletânea organizada e traduzida para o francês por Tzvetan Todorov em 1965. Embora se tratasse de uma tradução indireta – realizada a partir da francesa –, o livro fez muito sucesso no meio acadêmico e contribuiu consideravelmente para a disseminação das ideias do movimento no Brasil, que passaram a ser incorporadas numa gama de trabalhos de teses, dissertações, artigos, etc.

No artigo que abre este número, “A poética quantitativa do formalismo russo”, Igor Pilshchikov aborda a teoria formalista a partir de uma perspectiva quantitativa. O foco recai no pioneirismo de Boris Iarkhó quanto ao estudo quantitativo de aspectos do texto literário e dos usos da estatística para tal. Além disso, trata-se do primeiro estudo publicado no Brasil sobre as contribuições de Iarkhó no contexto do Formalismo Russo.

“*Ostranenie: To Give Back the Sensation of Life*”, de Alexandra Berlina, retoma as discussões em torno do conceito de ostraniénie, de Chklóvski. Após minucioso levantamento das principais acepções do termo, a estudiosa propõe uma definição do conceito não exclusivamente como um procedimento literário, mas como um efeito psicológico/cognitivo. Nesse contexto, sugere a criação da expressão “ostraniénie extra-textual” para se referir ao sentimento que se tem quando o corriqueiro se torna aparentemente estranho.

Em seguida, o estudo “Subjectivité de la représentation du genre littéraire chez Jouri Tynianov et Mikhaïl Bakhtine: essai de définition et étude de textes”, de Svetlana Garziano, enfoca a expressão da subjetividade na abordagem dos gêneros literários conforme apresentada em alguns textos fundamentais de dois grandes teóricos da palavra russa: Iúri Tyniánov e Mikhail Bakhtin.

Aurora Bernardini contribuiu para este número com o ensaio “Iúri Tyniánov e a palavra poética: a poesia no âmbito do Formalismo Russo”, no qual analisa os principais procedimentos do estudo da poesia desenvolvidos por este crítico. O estudo também aponta analogias e “semelhanças de família” entre as teorias de Tyniánov e as poéticas de nossos modernistas Carlos Drummond de Andrade e Manuel Bandeira.

Na sequência, o leitor encontrará o artigo “Poiesis como tomada de decisão: Chklóvski, Tyniánov, Bakhtin”, de Peter Steiner, que aborda aspectos teóricos da obra de Chklóvski e Tyniánov à luz de tipos específicos de racionalidade: a “instrumental” e a “limitada”, conforme desenvolvidas no âmbito da teoria da decisão. O autor procura ainda justapor a conceitualização formalista de criatividade poética à visão de Bakhtin sobre o mesmo assunto e arremata argumentando que a maneira como Bakhtin concebe as estratégias disponíveis ao autor literário se adequa a pressupostos da chamada “racionalidade interativa”.

Priscila Nascimento Marques apresenta, em “O Formalismo Russo sob a lente de L. S. Vygótski: influência e crítica”, a discussão de Vygótski sobre as ideias do Formalismo Russo expostas no capítulo “Arte como procedimento”, de *Psicologia da arte* (de 1925). Embora dialogue mais intimamente, nessa obra, com as vertentes marxistas do estudo da arte, Vygótski ressalta o potencial da Escola Formalista e, ao mesmo tempo, aponta suas contradições e limitações.

O ensaio de Erivoneide de Barros, “Ostraniénie e a pedagogia de Eisenstein”, retoma a definição do conceito de ostraniénie a fim de explorar sua relação com a noção de imagem artísti-

ca, investigada nas aulas de Direção Cinematográfica ministradas por Serguei Eisenstein no Instituto Estatal Russo de Cinema (VGIK). A autora procura ainda estabelecer as possíveis conexões desse conceito com os estudos interartes.

Este dossiê também conta com duas entrevistas: uma realizada com Pau Sanmartín Ortí, autor da mais recente história do Formalismo Russo no Ocidente, e outra com Aurora Bernardini, estudiosa brasileira com vasta produção sobre o movimento crítico. A entrevista de Pau Sanmartín a Gutemberg Medeiros gira em torno de seu livro *Otra historia del formalismo ruso*, de 2008, mais particularmente sobre o protagonismo que Chklóvski assume no âmbito do Formalismo Russo, lugar até então assegurado a Roman Jakobson. Já na entrevista com Aurora Bernardini, realizada por Valteir Vaz, o leitor encontrará o Formalismo numa perspectiva ampla. Nessa revisitação, a estudiosa amplia e fragmenta o horizonte estético da escola à luz das mais recentes abordagens do texto literário.

O Dossiê apresenta ainda uma tradução inédita para o português do importante ensaio de Chklóvski “A ressurreição da palavra”. Trata-se do primeiro texto do Formalismo Russo, lido pelo autor em 1913, no cabaré O Cão Vira-latas, de São Petersburgo. Nele, o *enfant terrible* do Formalismo discute o processo de “petrificação” – que culmina na morte – das palavras. Embora a noção de estranhamento já esteja presente aqui, o termo em si (*ostraniénie*) só seria cunhado em 1917, em “A arte como procedimento”. A tradução é assinada por Leticia Mei (já agraciada com um prêmio Jabuti de tradução), Priscila Nascimento Marques e Raquel Toledo.

Para concluir o Dossiê, na seção de resenhas, Valteir Vaz apresenta ao leitor brasileiro a coletânea “*A era do ‘estranhamento’: o Formalismo Russo e o conhecimento humanístico contemporâneo*”, publicada em Moscou, em 2017. O livro é resultado do evento internacional ocorrido em Moscou, em 2013, em celebração ao centenário do Formalismo Russo. A obra, que reproduz estudos de pesquisadores do mundo todo, revisa e expande, consideravelmente, os limites de alcance



de uma das mais importantes escolas de crítica literária do século XX. A organização do volume ficou a cargo de Yan Levchenko e de Igor Pilshchikov, que também contribuiu para este número da RUS.

Valteir Vaz